

Marina Silva da Cunha

mscunha@uem.br

Professora Titular do Departamento de Economia da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e coordenadora da equipe de Mercado de Trabalho do projeto de extensão “Conjuntura econômica brasileira – divulgação de análises”.

Integrantes do subgrupo

Acadêmicos do curso de Ciências Econômicas da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e participantes da equipe de Mercado de Trabalho do projeto de extensão “Conjuntura econômica brasileira – divulgação de análises”.

Alana Moreira Reis

ra129895@uem.br

Carolina dos Santos Ferreira

ra107747@uem.br

Milena Moreira de Campos

ra125636@uem.br

Pedro Henrique Nunes Soares

ra128258@uem.br



Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Correspondência/contato
Av. Colombo, 5.790. Bloco C-34 – Sala 11
Jd. Universitário – Maringá, Paraná, Brasil
CEP 87020-900

Análises do primeiro semestre de 2022

RESUMO

No segundo semestre de 2022 o mercado de trabalho brasileiro apresenta recuperação em relação ao mesmo período de 2019, anterior à pandemia Covid-19. A PEA ocupada atinge 98 milhões de indivíduos diante de 94 milhões no segundo semestre de 2019. O desemprego atinge um patamar inferior a 10% no segundo trimestre de 2022. Porém o rendimento médio reduz em relação a 2019, o que é preocupando diante do aumento custo de vida, contribuindo para um menor nível de bem-estar social no país.

Palavras-Chave: Oferta de trabalho, Emprego, Desemprego, Rendimentos.

ABSTRACT

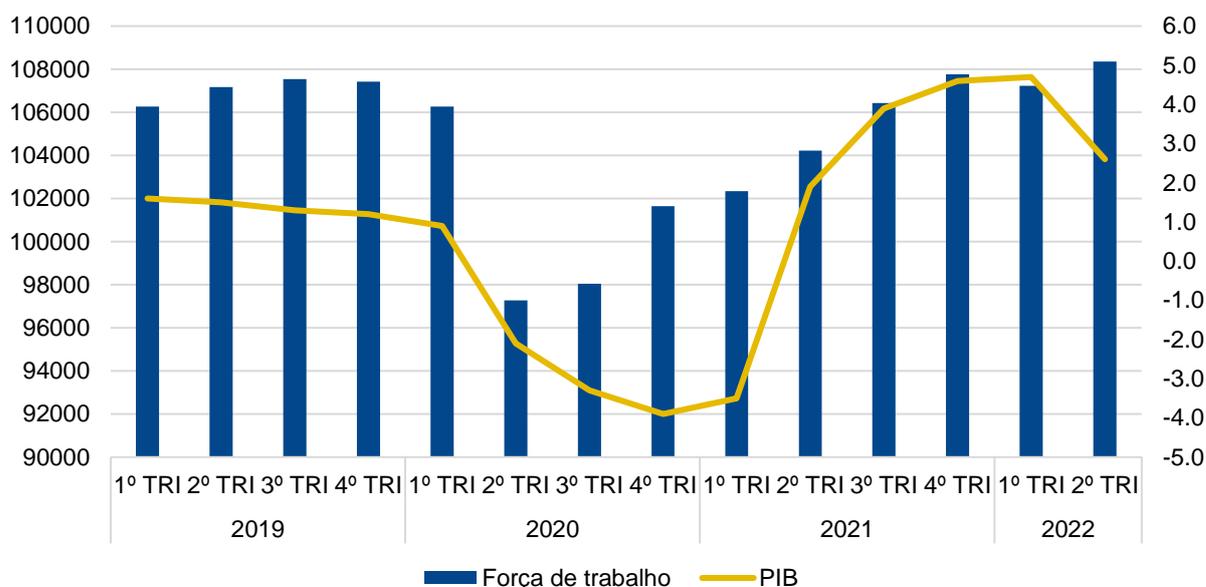
In the second half of 2022, the Brazilian labor market is recovering compared to the same period in 2019, before the Covid-19 pandemic. The employed reaches 98 million individuals compared to 94 million in the second half of 2019. Unemployment reaches a level below 10% in the second quarter of 2022. However, the average earnings decreases compared to 2019, which is worrying in view of the increase cost of living, contributing to a lower level of social welfare in the country.

Keywords: Labor supply, Employment, Unemployment, Earnings

1 INTRODUÇÃO

Nesta seção do Boletim de Conjuntura Econômica analisaremos o mercado de trabalho brasileiro, especialmente no primeiro semestre de 2022, que segue uma tendência de recuperação, com aumento de emprego e diminuição do desemprego. A População Economicamente Ativa (PEA) ou oferta de trabalho, ocupada ou desocupada, segue este comportamento pró-cíclico, ou seja, acompanha do desempenho da atividade econômica, como pode ser observado na Figura 1. Ao longo do período de 2019 até 2022, o PIB nacional avançou 0,59% ao ano, em média, enquanto no resto do mundo se observou uma variação de 1,54%. Como pode ser observado, o menor desempenho ocorre durante o primeiro ano de pandemia, em 2020, com recuperação gradativa na sequência, tanto da PEA quanto do PIB.

Figura 1 - População Economicamente Ativa e variação do PIB, 2019 até 2022



Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE

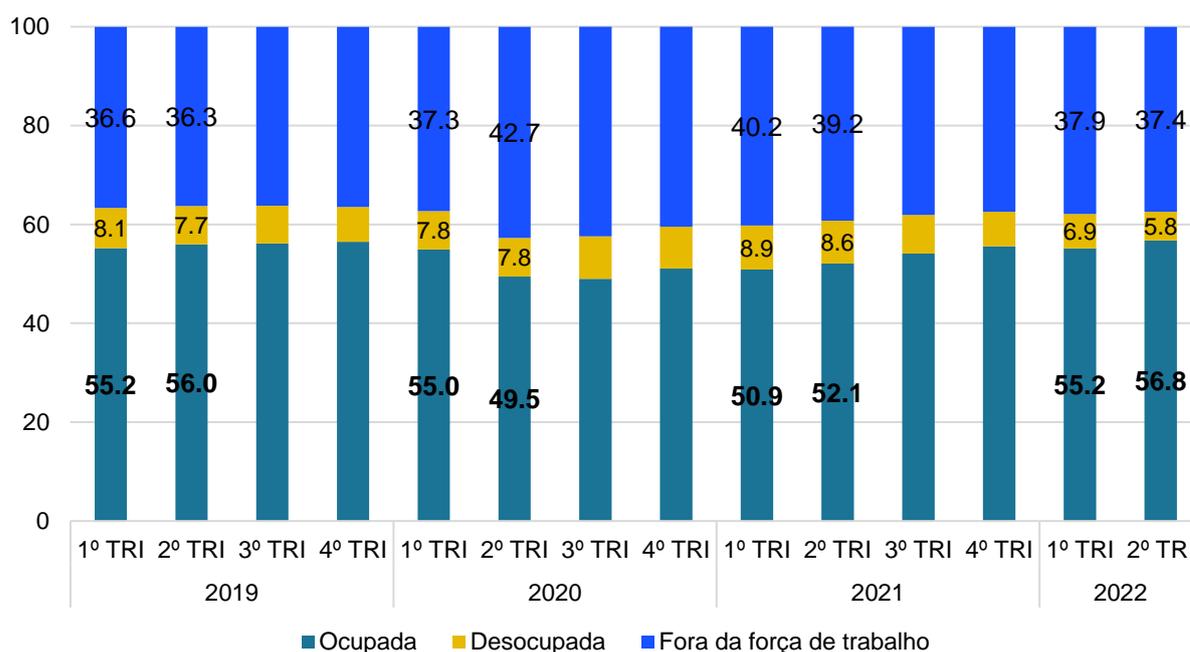
Por sua vez, a PEA faz parte da População em Idade Ativa (PIA), que inclui também aqueles que estão fora do mercado de trabalho, além dos ocupados e desocupados, conforme ilustrado na Figura 2, em que pode ser observada a sua composição.

No último trimestre de 2019 cerca de 169 milhões estavam presentes na PIA, nesse mesmo trimestre de 2020, 170,7 milhões, e, em 2021 um total de 172,2 milhões. Enquanto estavam presentes no mercado de trabalho, como ocupados ou desocupados, um total de 107,4, 101,6 e 107,7 milhões de indivíduos, respectivamente.

Por sua vez, durante o segundo trimestre de 2022 eram 173 milhões de indivíduos na PIA. Desses, 108,3 estavam no mercado de trabalho como ocupados (98,2 milhões) ou desocupados (10,08 milhões).

Em virtude da pandemia do Covid 19, destaca-se um aumento significativo da população fora da força de trabalho nos anos de 2020 e 2021. Porém em 2022 essa parcela da população volta a reduzir para cerca de 37,4% da PIA ou 64,7 milhões de brasileiros que estão fora da força de trabalho no segundo trimestre de 2022.

Figura 2 - Composição da População Economicamente Ativa, 2019 até 2022



Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE

Destaca-se que em 2022, em relação aos anos de 2020 e 2021 aconteceu um aumento na população ocupada e uma queda na população desocupada e fora da força de trabalho. Neste sentido, há uma recuperação do mercado de trabalho em que podemos observar que esses números se assemelham ao ano de 2019, anterior à pandemia.

Conforme Lameiras et al. (2022) que analisou os anos de 2019, 2020 e 2021, ao final do ano de 2021 o mercado de trabalho já apresentava recuperação, especialmente para jovens, embora houvesse expectativa de redução do ritmo de recuperação. Segundo o estudo da OIT a perspectiva da recuperação do mercado de trabalho também era de forma lenta, em que se estimava que os números poderiam ser próximos aos de 2019, devido ao impacto da pandemia (CAZARRÉ, 2022).

2 POPULAÇÃO OCUPADA

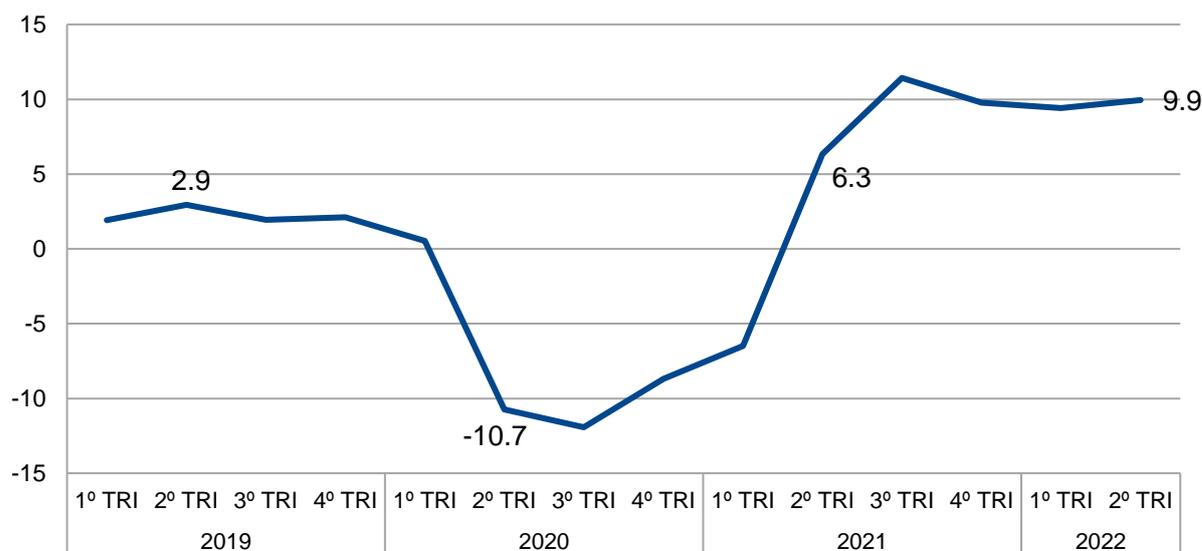
Na Figura 3 pode ser observada a taxa de variação da população ocupada, em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, desde o primeiro trimestre de 2019 até o segundo trimestre de 2022. Em 2020, houve uma queda por conta da pandemia, porém se verifica recuperação a partir do terceiro trimestre de 2020 até o terceiro trimestre de 2021, com estagnação a partir desse momento.

Por conta da pandemia, muitos postos de trabalho foram fechados buscando conter a proliferação do vírus da Covid-19. Porém com o avanço da vacinação contra a covid 19 e a reabertura da economia, a taxa de crescimento aumenta consideravelmente.

Neste segundo trimestre de 2022, eram 98,2 milhões de indivíduos ocupados, neste mesmo trimestre em 2019, 2020 e 2021 eram 94,1, 84,0 e 89,3 milhões, respectivamente, em que podemos notar um grande avanço após a pandemia.

Em relação à população ocupada, 39,8% desses indivíduos são trabalhadores informais, 599 mil a mais que no trimestre anterior. É importante ressaltar que o número de empregados sem carteira assinada chegou a 13,1 milhões em 2022, maior número desde 2012 (CAVALLINI, 2022).

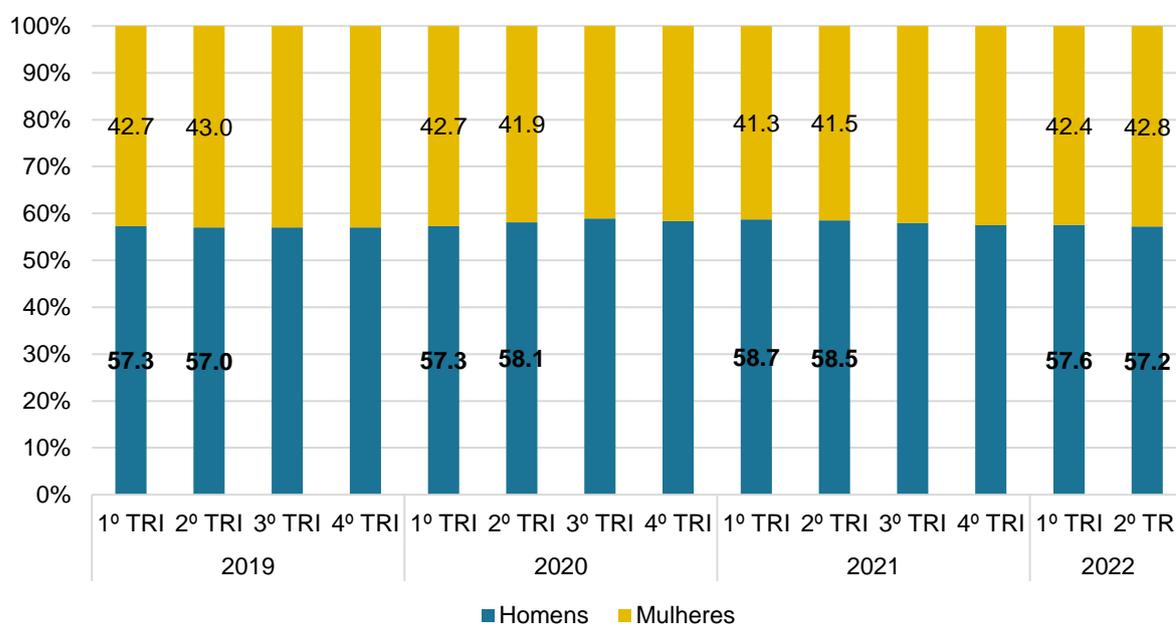
Figura 3 - Taxa de crescimento da população ocupada, em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, Brasil, 2019 até 2022



Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE

Na Figura 4 pode ser observada a composição da população ocupada segundo o sexo. Os homens têm maior participação no mercado de trabalho. Destaca-se que a partir do segundo trimestre de 2019 as mulheres atingem seu ápice na população ocupada, com 43%. A partir daí a participação das mulheres variou negativamente. No terceiro trimestre de 2020 atinge o menor patamar, 41,1% em função da pandemia Covid-19, porém a parcela de mulheres no mercado de trabalho vem se recuperando a partir do primeiro trimestre de 2021, estavam ocupando 41,3% e, por fim, no segundo trimestre de 2022, chegou a 42,8%, uma recuperação se comparada ao ano de 2019, quando atingiram sua maior proporção na população ocupada.

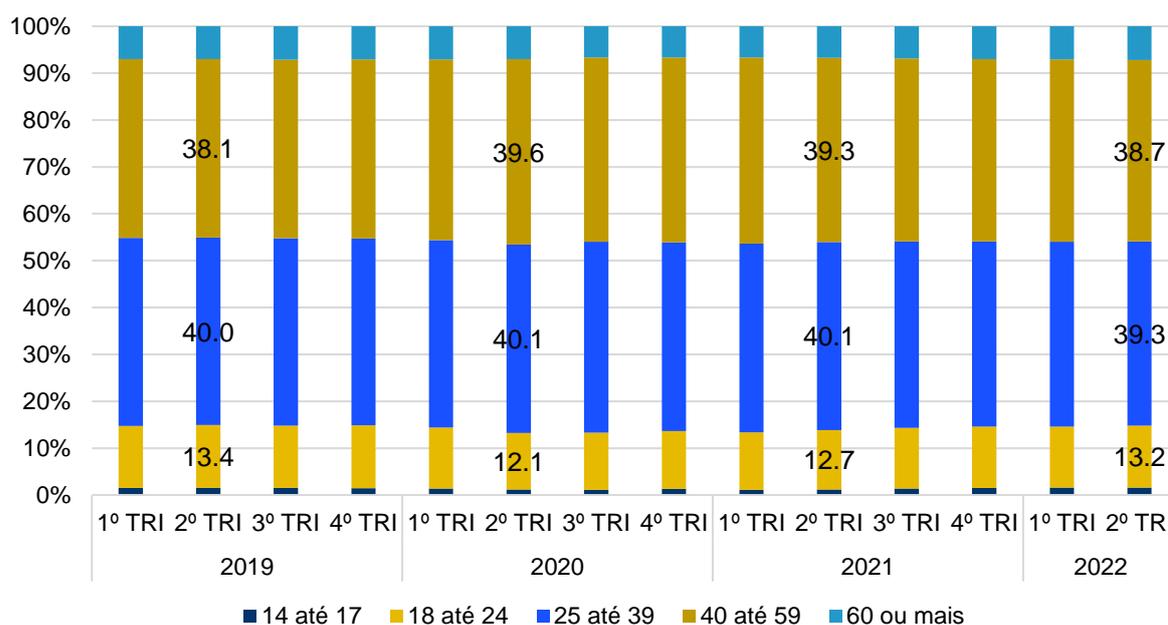
Figura 4 - Composição da população ocupada, segundo o sexo, Brasil, do primeiro trimestre de 2019 até o segundo trimestre de 2022



Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE

Considerando a faixa etária da população ocupada, na Figura 5, verifica-se que a parcela que mais perdeu participação relativa em 2020, em relação ao ano de 2019, foi a população mais jovem, de 14 até 24 anos, em que no segundo trimestre de 2019 chegou no seu auge, cerca de 13,4% da população ocupada. Nota-se queda significativa para 12,1% no segundo trimestre de 2020, porém a partir de 2021 essa parcela da população ocupada vem se recuperando desta perda.

Figura 5 - Composição da população ocupada, segundo a idade, Brasil, do primeiro trimestre de 2019 até o segundo trimestre de 2022



Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE

A população adulta, de 25 até 39 anos, que no terceiro trimestre de 2020 chegou a 40,8%, no trimestre de 2022 estão ocupando cerca de 39,3%, ou seja, observa-se queda na sua participação. Por sua vez, a população a partir de 40 anos, havia ampliado sua participação de 2019 até o primeiro trimestre de 2021, porém em 2022 sofre estagnação novamente.

Com relação à qualificação dos indivíduos empregados, que pode ser observada na Tabela 1 e na Figura 6, é interessante notar que a população que mais perdeu espaço no mercado de trabalho nesse período de recessão, foi a população no nível 1 (sem instrução ou com menos de um ano). No primeiro trimestre de 2019 para o segundo trimestre de 2020 tiveram uma perda de 25%, porém se recuperou e no segundo trimestre de 2022 já conseguiu voltar ao seu nível inicial.

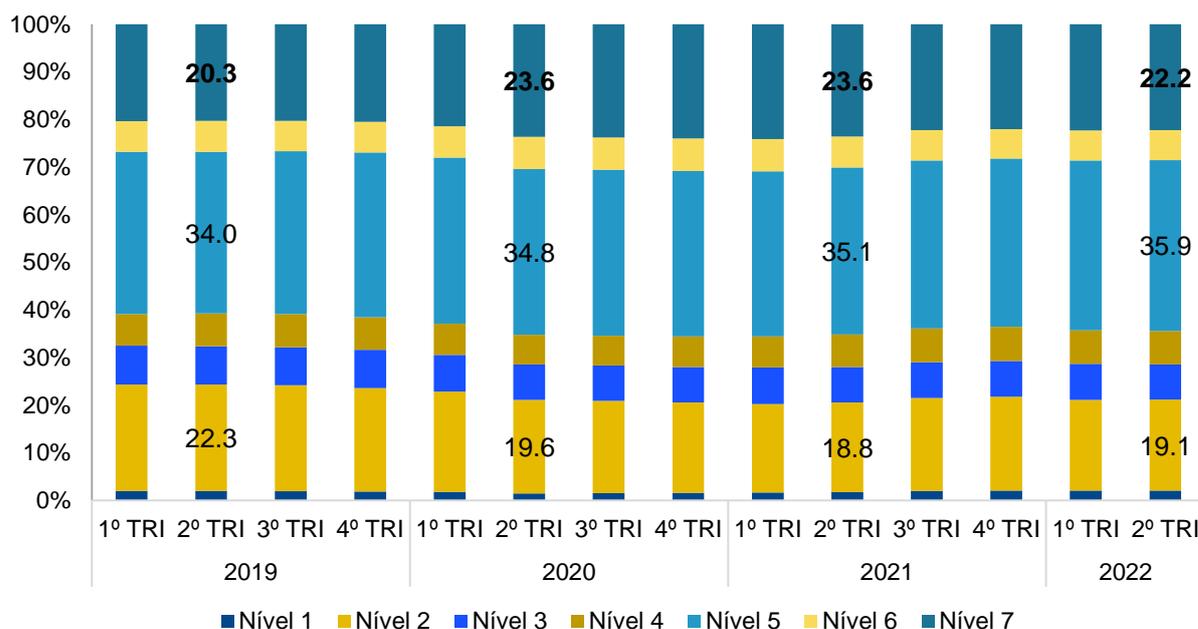
Os níveis 2, 3 e 4 tiveram perdas, porém não tão significativas se comparadas à do nível 1, e já vem se recuperando aos poucos. Já os níveis 5, 6 e 7 (os mais qualificados) tiveram um aumento da demanda da mão de obra após a pandemia e ainda continuam em ascensão.

Tabela 1 - Composição da população ocupada, Brasil, segundo o nível educacional, no segundo trimestre, 2019 - 2022

NÍVEL	2º TRI 2019	2º TRI 2020	2º TRI 2021	2º TRI 2022
Sem instrução ou menos de 1 ano	2%	1,5%	1,7%	2,1%
Ensino fundamental incompleto	22,3%	19,6%	18,8%	19,1%
Ensino fundamental completo	8,1%	7,4%	7,5%	7,4%
Ensino médio incompleto	6,9%	6,3%	6,8%	7,1%
Ensino médio completo	34%	34,8%	35,1%	35,9%
Ensino superior incompleto	6,5%	6,8%	6,5%	6,3%
Ensino superior completo	20,3%	23,6%	23,6%	22,2%

Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE

Figura 6 - Composição da população ocupada, segundo o nível educacional, Brasil, do primeiro trimestre de 2019 até o segundo trimestre de 2022



Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE

Nota: nível 1: sem instrução ou menos de 1 ano de escolaridade; nível 2: ensino fundamental incompleto; nível 3: ensino fundamental completo; nível 4: ensino médio incompleto; nível 5: ensino médio completo; nível 6: ensino superior incompleto; nível 7: ensino superior completo.

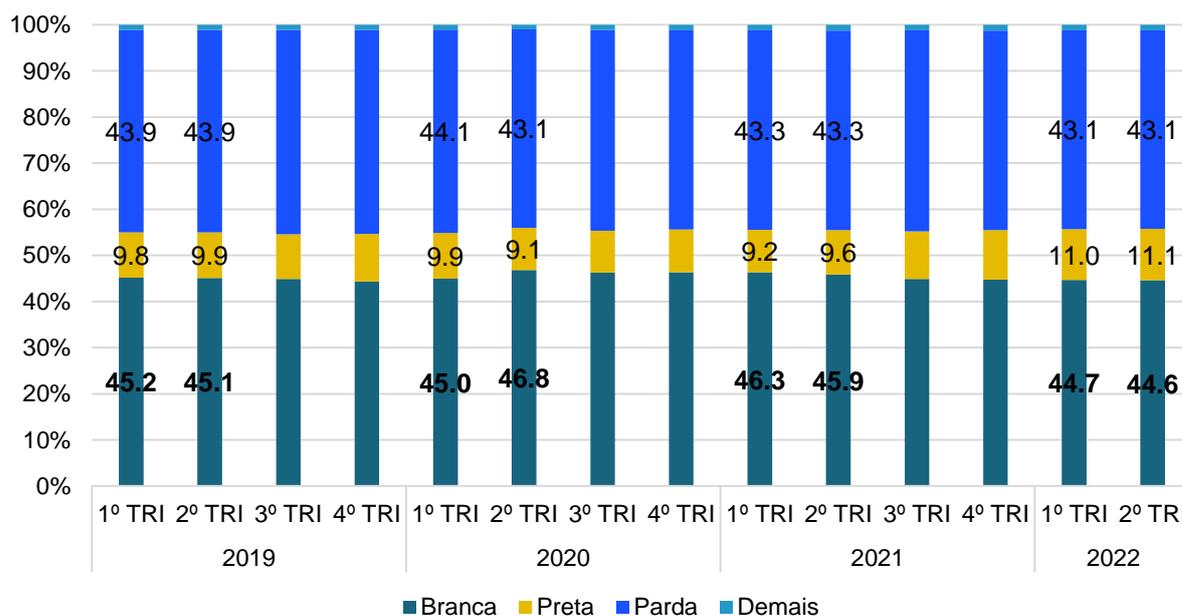
Com relação à população ocupada dividida por raça, cor ou etnia, conforme a Figura 7, se nota que a população branca teve uma queda no ano de 2019 de 45,2% para 44,3%. Porém esse patamar foi recuperada no ano de 2020 atingindo seu ápice no segundo trimestre com 46,8%. A partir de 2021 essa parcela da população apresentou redução e, no segundo trimestre de 2022, encontra-se em 44,6% da

população ocupada, uma porcentagem menor do que a observada no período pré-pandemia.

Neste período, a ocupada da população parda apresentou algumas variações. Pode ser observado uma queda considerável do primeiro trimestre de 2020 para o segundo trimestre de 44,1% para 43,1% e a partir daí continuou variando em torno de 43,0%.

A ocupação da população preta teve um aumento no ano de 2019 de 9,8% para 10,3%. No entanto depois desse ápice teve uma queda, chegando a fazer parte de 9,1% da população ocupada no segundo e terceiro trimestre de 2020. Porém a partir do ano de 2021 essa parcela da população vem ganhando participação chegando ao seu melhor patamar de 11,1% se comparado com o período analisado. Já os demais não tiveram variações significativas, em torno de 1% da população ocupada.

Figura 7 - Composição da população ocupada, segundo o nível educacional, Brasil, do primeiro trimestre de 2019 até o segundo trimestre de 2022



Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE

Em geral, nota-se que durante a pandemia Covid-19 os grupos mais atingidos na população ocupada foram as mulheres, os mais jovens, os menos qualificados e os não brancos. Por outro lado, os homens, os adultos, os mais qualificados e os brancos formam menos impactados.

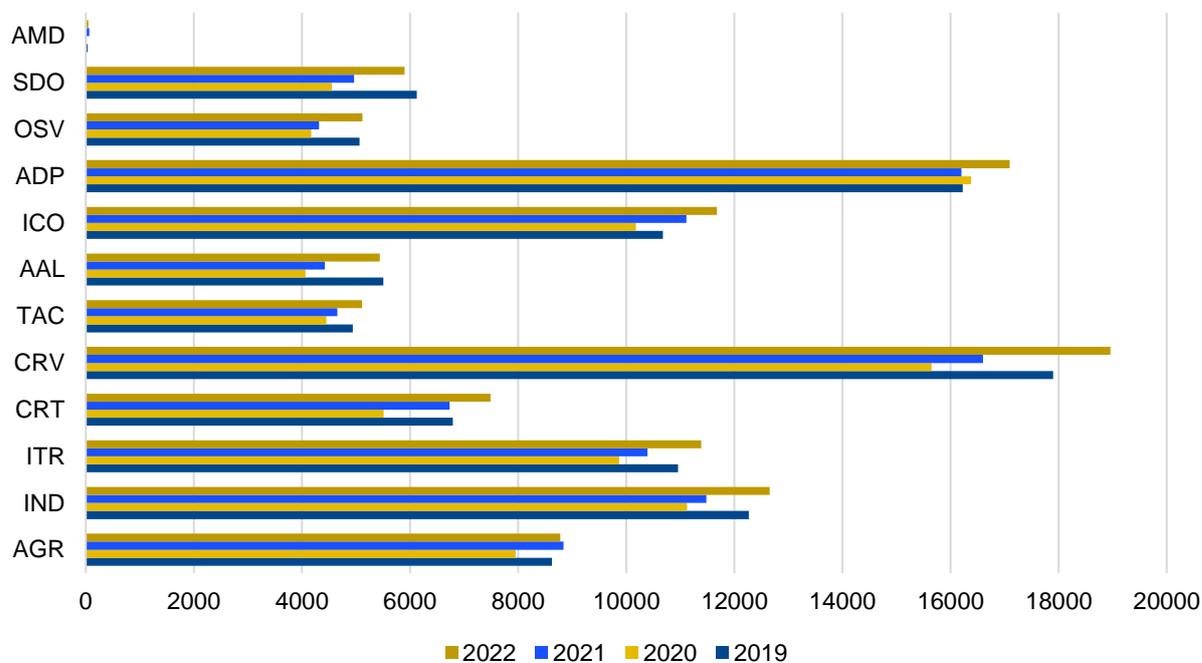
3 EMPREGO E RENDIMENTO SETORIAL

Em relação ao emprego setorial na economia brasileira, na Figura 8 pode ser observado que o comportamento de cada setor econômico nos segundos trimestres dos anos de 2019, 2020, 2021 e 2022. Assim é possível comparar nos períodos pré-pandêmico (2019), auge pandêmico (2020) e pandêmico controlado (2021 e 2022), buscando identificar como a pandemia causada pelo vírus COVID-19 impactou o emprego no Brasil.

Constata-se que houve redução na composição de pessoas empregadas em praticamente todos os setores da economia nos segundos trimestres de 2019 para 2020, o que pode ser explicado pelo aumento de casos da COVID-19. Em 2021, com um maior controle sobre a pandemia no Brasil e também a retomada das atividades econômicas, o número de empregados voltou a aumentar.

Posteriormente, até o segundo trimestre de 2022, os números continuaram a subir em quase todos os setores e de forma mais acentuada se comparado com a transição de 2020 para 2021, devido à maior liberação das restrições impostas pelo programa de combate ao vírus.

Figura 8 - Composição do emprego por setor de atividade (mil), Brasil, segundo trimestre de 2019-2022



Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE

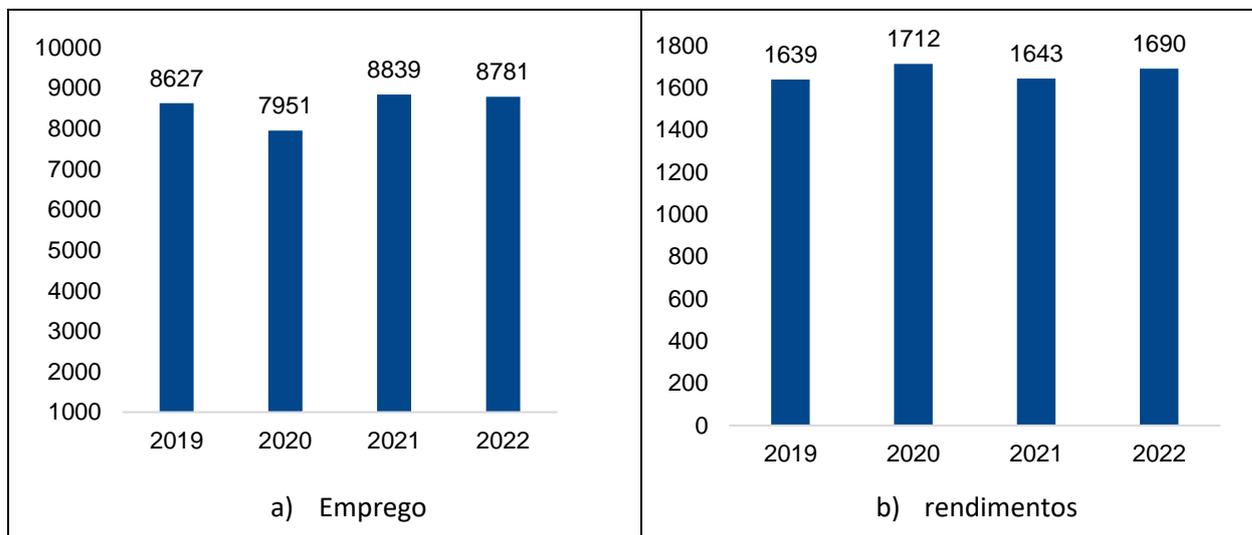
Notas: Atividades mal definidas (AMD), Serviço doméstico (SDO), Outro serviço (OSV), , educação, saúde humana e serviços sociais (ADP), Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas (ICO), Alojamento e alimentação (AAL), Transporte, armazenagem e

correio (TAC), Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas (CRV), Construção (CRT), Indústria de transformação (ITR), Indústria geral (IND), Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (AGR).

Dentre os setores, vale destaque para os setores de comércio, serviços e construção, que apesar de terem sido bruscamente afetados pelas restrições tiveram uma rápida recuperação no curto prazo, totalizando 37,45 milhões de pessoas ocupadas no segundo semestre de 2022. O setor da agroindústria também se destacou como um dos que menos se abalaram pela pandemia e se manteve, de maneira geral, o emprego, chegando a números até maiores em comparação com o período pré-pandêmico de 2019, conforme a Figura 9.

Devido ao menor impacto sobre esse setor, continuidade da demanda por produtos agrícolas, produção regular e alta nos preços de algumas de suas mercadorias, os rendimentos médios dos trabalhadores desse setor subiu se comparado ao período de 2019 (R\$ 1.639,00) para 2022 (R\$ 1.690,00), conforme a Figura 10 - esse valor supera um pouco o salário mínimo nacional, cujo valor é de R\$ 1.212,00, em julho de 2022.

Figura 9 - Número de empregados no setor agropecuário (mil); rendimento médio real mensal na agropecuária, Brasil, segundos trimestres de 2019, 2020, 2021 e 2022

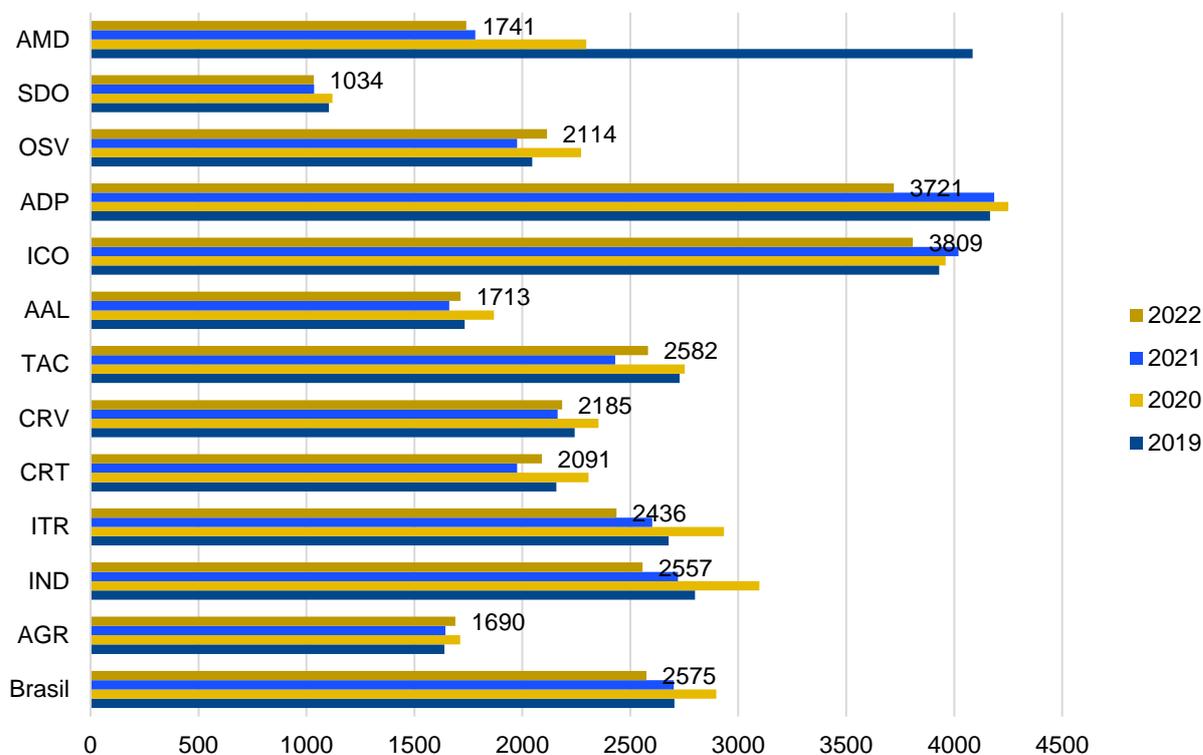


Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE

Entre os demais setores, nota-se um aumento no rendimento médio do trabalhador de 2019 para 2020, salvo as atividades denominadas como mal definidas (AMD). Além do mais, de 2020 para 2021 e 2022 o rendimento médio em geral no Brasil reduziu, atingindo R\$ 2.575,00 em 2022. Esse comportamento é seguido pelos demais

setores da economia, com exceção da Agropecuária e dos Outros Serviços (OSV), conforme mostrado na Figura 10.

Figura 10 - Rendimento médio no mercado de trabalho, Brasil, segundo trimestre de 2019, 2020, 2021 e 2022



Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE

Notas: Atividades mal definidas (AMD), Serviço doméstico (SDO), Outro serviço (OSV), , educação, saúde humana e serviços sociais (ADP), Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas (ICO), Alojamento e alimentação (AAL), Transporte, armazenagem e correio (TAC), Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas (CRV), Construção (CRT), Indústria de transformação (ITR), Indústria geral (IND), Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (AGR)

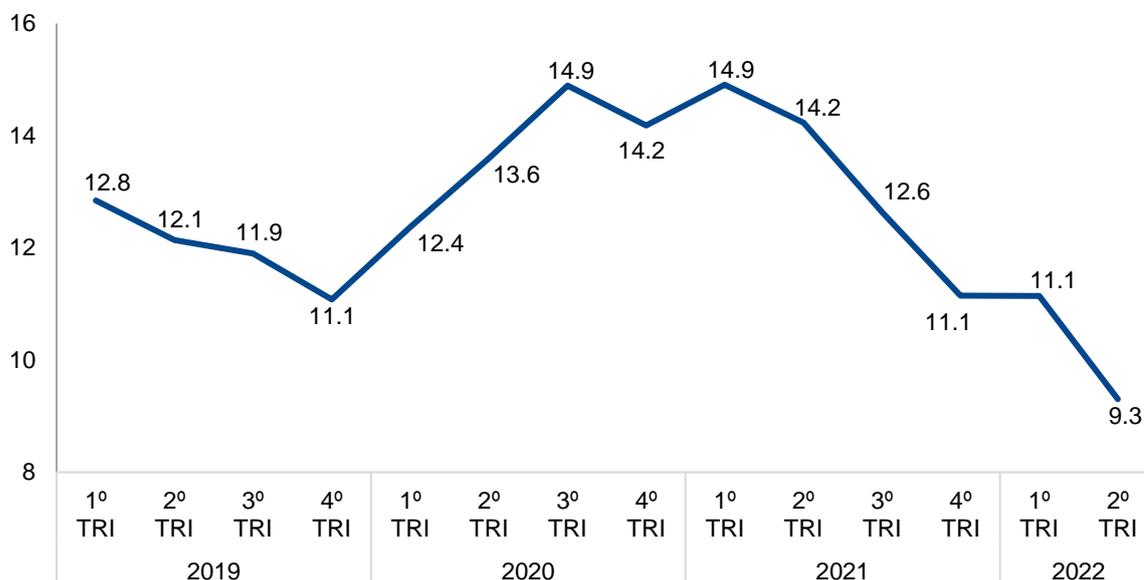
Portanto, apesar do aumento dos postos de trabalho em quase todos os setores, considerando o nível pré-pandêmico de 2019, o rendimento médio do trabalho sofre queda real no período analisado.

4 DESEMPREGO

A taxa de desocupação no mercado de trabalho brasileiro do primeiro trimestre de 2019 até o segundo trimestre de 2022 pode ser observada na Figura 11. O desemprego é calculado como a razão entre a população procurando um emprego e a

soma daquelas empregadas e procurando emprego, a chamada população economicamente ativa (PEA), que participam no mercado de trabalho.

Figura 11 - Taxa de desocupação trimestral, do primeiro trimestre de 2019 até o segundo trimestre de 2022



Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE

O desemprego é tradicionalmente cíclico ao longo do ano, com pico no primeiro trimestre e menor no final do ano, à medida que a economia aquece com as comemorações de fim de ano. Contudo, temos uma elevação do nível de desemprego no terceiro trimestre de 2020, em que se observa uma taxa de 13,6% no segundo trimestre para 14,9% no terceiro trimestre, uma elevação de 1,3 pontos percentuais.

Por sua vez, em 2021 se verifica queda significativa nas taxas de desocupados, nos terceiro e quarto trimestres, respectivamente para 12,6% e 11,1%. Além do comportamento cíclico anual, o retorno das atividades econômicas com a maior liberação das restrições impostas pelo governo devido à pandemia causada pelo COVID-19 também explica esse comportamento.

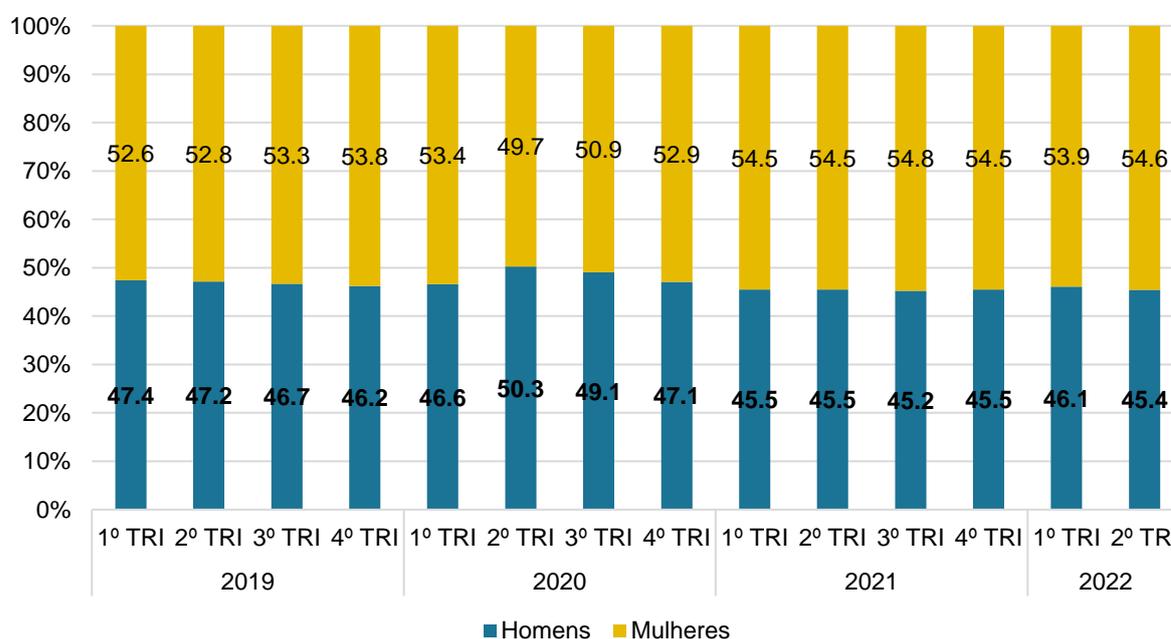
No ano de 2022, há inicialmente uma manutenção do nível do desemprego no primeiro trimestre, que se manteve em 11,1% e, em seguida, uma queda significativa para 9,3%, que representa a menor taxa de desocupação desde o primeiro trimestre de 2016. Por outro lado, houve um crescimento recorde do número de trabalhadores informais em 39,3 milhões (IBGE, 2022).

Na Figura 12, pode ser observada a composição da desocupação segundo o sexo. Nota-se aumento da proporção de mulheres na desocupação em 2021, em

relação ao ano de 2020. Entre os fatos que contribuem para explicar este comportamento está o retorno presencial das escolas, o que permitiu que elas voltassem ao mercado de trabalho.

Em 2022, o desemprego para as mulheres no segundo trimestre de 2022 (54,6%), em comparação com o segundo trimestre de 2021 (54,5%), manteve-se praticamente constante. De acordo com o IBGE (2022) as mulheres se inseriram mais na informalidade, podendo contribuir para manter o desemprego constante.

Figura 12 - Composição da desocupação, segundo o sexo, Brasil, do primeiro trimestre de 2019 até o segundo trimestre de 2022

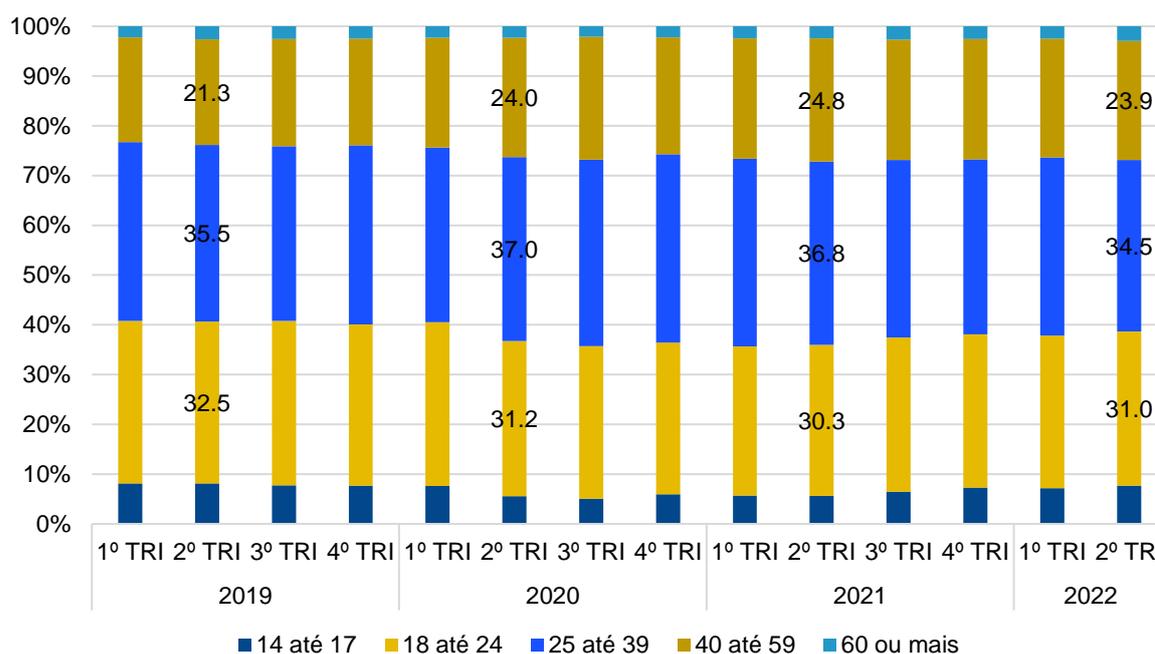


Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE

A composição da desocupação segundo a faixa etária pode ser observada na Figura 13. Destaca-se a faixa etária de 25 até 39 anos, que representa cerca de 34,5% no segundo trimestre de 2022. Comparando esse trimestre com o segundo trimestre do ano de 2021 se nota uma leve queda na faixa etária destacada, de 36,8% para 34,5%.

Na faixa etária de 18 até 24 anos temos um aumento na desocupação, que no segundo trimestre de 2021 estava em 30,3% e em 2022 representa 31% dos desocupados. Os jovens têm mais dificuldade em ingressar no mercado de trabalho devido à falta de experiência e os altos custos de encargos trabalhistas que são idênticos àqueles que possuem mais experiência e também estão buscando um posto de trabalho.

Figura 13 - Composição da desocupação, segundo a faixa etária, Brasil, do primeiro trimestre de 2019 até o segundo trimestre de 2022



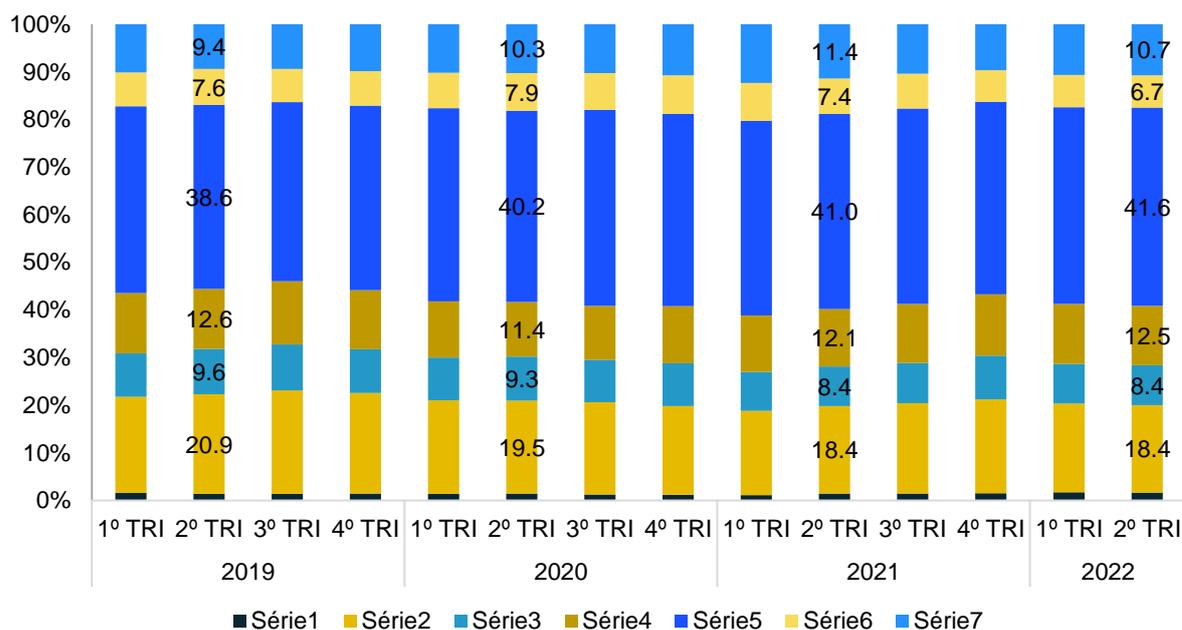
Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE

Na Figura 14 pode ser observada a composição da desocupação, segundo o nível educacional. O nível educacional com maior desocupação é o nível 5, que é formado pelo grupo de pessoas com o nível de ensino médio completo. Esta parcela da população no segundo trimestre de 2022 está em 41,6%, um número maior do que o observado nos anos anteriores de 2021, 2020 e 2019 respectivamente igual a 41% dos desocupados, 40,2% e 38,6%.

Os indivíduos com ensino fundamental incompleto, no nível 2, sofrem uma pequena queda entre os desocupados. No segundo trimestre de 2020 representavam 19,5% do total de desocupados e, no mesmo período de 2021, 18,4%. No segundo trimestre de 2022 esse número se manteve constante.

A desocupação entre as pessoas com o nível superior completo também teve queda entre os desocupados, no comparativo do segundo trimestre de 2022 em relação ao segundo trimestre de 2021 houve uma queda de 11,4% para 10,7% dos desocupados que voltou a se aproximar dos índices de 2020 e 2019 que foram 10,3% e 9,4% respectivamente.

Figura 14 - Composição da desocupação, segundo nível educacional, Brasil, primeiro trimestre de 2019 até segundo trimestre de 2022



Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE

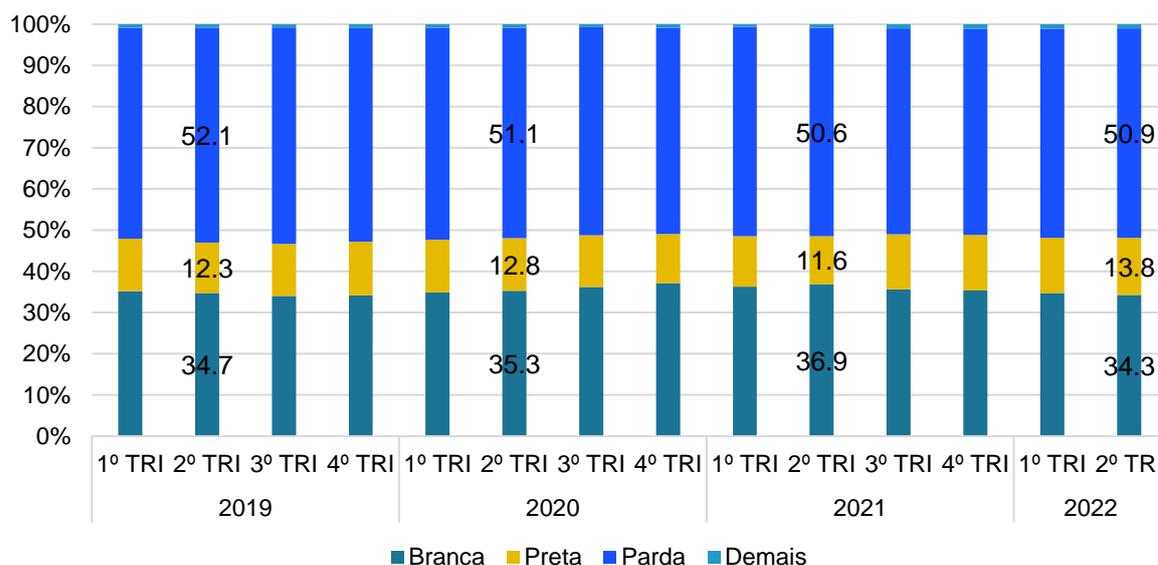
Nota: nível 1: sem instrução ou menos de 1 ano de escolaridade; nível 2: ensino fundamental incompleto; nível 3: ensino fundamental completo; nível 4: ensino médio incompleto; nível 5: ensino médio completo; nível 6: ensino superior incompleto; nível 7: ensino superior completo.

Segundo o IBGE (2022) os trabalhadores com menor formação tem encontrado maiores dificuldades de se inserirem no mercado em 2022. Já os que possuem superior completo estão conseguindo maiores oportunidades de trabalho devido a maior qualificação para o mercado.

Na Figura 15, segundo os dados da pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua (PNADC), coletados pelo IBGE (2022), é possível perceber que o desemprego de acordo com a raça foi de 50,6% entre os pardos no 2º trimestre de 2021 para 50,9% no segundo trimestre de 2022, mantendo-se praticamente constante. Entre os negros foi de 11,6% no segundo trimestre de 2021 para 13,8% no segundo trimestre de 2022 e entre os brancos teve uma queda significativa saindo de 36,9% no segundo trimestre de 2021 para 34,3% no segundo trimestre de 2022.

O aumento do desemprego entre os negros em 2022, que foi mais significativo do que nos anos de 2019, 2020 e 2021, pode ser explicado pela maior entrada no mercado de trabalho, a partir da inatividade, desta parcela da população, ou ainda, pela menor inserção relativa em um posto de trabalho em detrimento dos demais indivíduos.

Figura 15 - Composição da desocupação, segundo a raça, Brasil, primeiro trimestre de 2019 até segundo trimestre de 2022



Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE

Na Figura 16 pode ser observado o desemprego em âmbito estadual no segundo trimestre do ano, de acordo com o IBGE (2022), o qual mostrou um nível de desocupação expressivo na Bahia (15,4%). Por sua vez, o estado que mostrou o menor nível de desocupação foi Santa Catarina (3,9%).

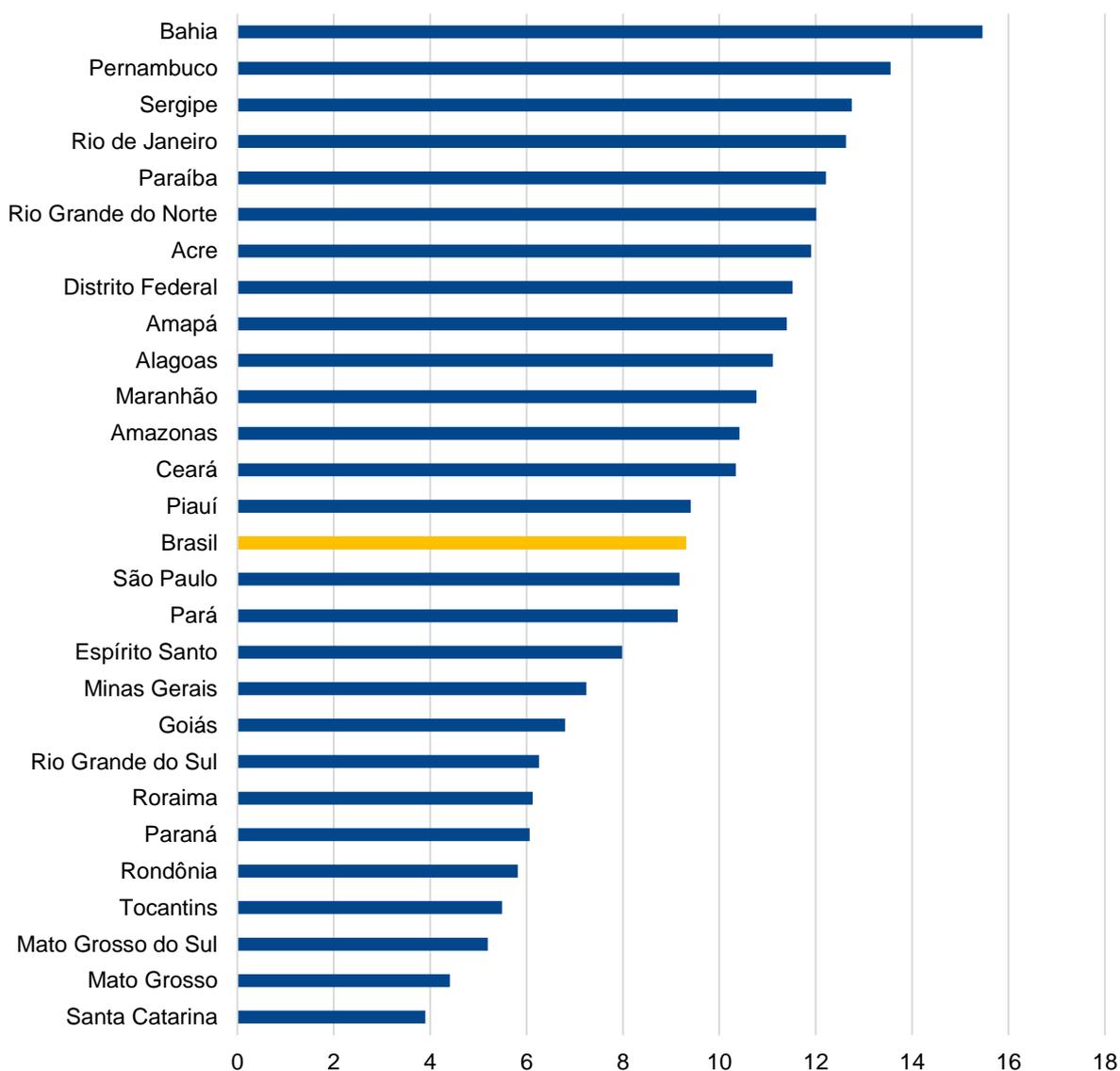
Assim, de maneira geral, o desemprego apresentou queda significativa nos primeiros trimestres de 2022 em comparação com anos anteriores da pandemia e pré-pandemia (2021, 2020 e 2019).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro semestre de 2022 se observa no Brasil um processo de recuperação do mercado de trabalho. Há aumento dos postos de trabalho e redução do nível de desemprego, porém foi possível constatar alguns aspectos ainda preocupantes.

Com relação ao nível de desemprego ainda há disparidades relevantes, pois enquanto a Bahia apresenta um nível superior a 15%, em Santa Catarina o patamar é inferior a 5%, apesar de um nível médio no país um pouco inferior a 10%.

Figura 16 - Composição da desocupação, segundo as Unidades da Federação, Brasil, segundo trimestre de 2022



Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE

Outro aspecto que merece ser destacada são as condições de trabalho, em que se destaca a redução real do rendimento médio no país, diante de um cenário de aumento do custo de vida, o que indica a redução do bem-estar da sociedade brasileira. Por sua vez, esta redução da capacidade de consumo tem reflexos profundos na demanda agregada da economia, prejudicando a retomada do crescimento econômico.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Darlan. **Tombo recorde do PIB: veja setores mais e menos afetados na pandemia**. G1, 2020. Disponível em: <g1.globo.com/economia/noticia/2020/09/01/tombo-recorde-do-pib-veja-setores-mais-e-menos-afetados-na-pandemia.ghtml>. Acesso em: 19 set. 2022.

ALVARENGA, D. **Mulheres são a maioria dos desempregados; 45,7% das que têm idade de trabalhar estão ocupadas**. Disponível em: <g1.globo.com/google/amp/dia-das-mulheres/noticia/2022/03/08/mulheres-sao-a-maioria-dos-desempregados-457percent-das-que-tem-idade-de-trabalhar-estao-ocupadas.ghtml>. Acesso em: 07 set. 2022.

CAZARRÉ, M. **Estudo da OIT indica recuperação lenta no mercado de trabalho em 2022**. Disponível em: <agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2022-01/Estudo-da-oit-indica-recuperacao-lenta-do-mercado-de-trabalho>. Acesso em 24 set. 2022.

CAVALLINI, M. **Desemprego recua para 9,1% em julho, mas número de informais é recorde**. Disponível em: <g1.globo.com/economia/noticia/2022/08/31/desemprego-recua-para-91percent.ghtml>. Acesso em: 07 set. 2022.

LAMEIRAS, Maria. CORSEUIL, Carlos. RAMOS, Lauro. RUSSO, Felipe. **Desempenho recente do mercado de trabalho e perspectivas**. Disponível em: <www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/220328_cc_54_nota_32_mercado_de_trabalho_novo.pdf>. Acesso em 24 set. 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Painel de indicadores desemprego**. Disponível em: <www.ibge.gov.br/indicadores#desemprego>. Acesso em: 07 set. 2022.

PASTORE, J.: **As dificuldades dos jovens no mercado de trabalho**. Disponível em: <www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/opiniao/2020/01/03/internas_opiniao,818003/artigo-as-dificuldades-dos-jovens-no-mercado-de-trabalho.shtml>. Acesso em: 07 set. 2022.